

24-07-2020

A VILA DOS CONFINS E A PANDEMIA

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Vila dos Confins é o título de um livro de grande vulto na literatura regional mineira, escrito por Mário Palmério (1916-1996) e publicado em 1956.

Na narrativa, Vila dos Confins é um lugarejo do sertão de Minas definido como espaço ficcional das peripécias de uma eleição política intoxicada por corrupção, fraudes generalizadas e opressão de coronéis contra os sujeitos locais. Mário Palmério fez da Vila uma metáfora universal do modo como se praticava política nos rincões profundos - e ainda se pratica mesmo nos centros hegemônicos copiosamente corruptos - do Brasil. Além do conteúdo político enredado no livro, na Vila dos Confins arvoram-se tipos humanos diversos, contadores de causos, garimpeiros, pescadores, agregados, peões e sertanejos. Um universo indômito e ao mesmo tempo belo, simples e poético.

Vastos chapadões, rios, veredas, matas e bichos compoem uma paisagem singular e na qual transitam homens e mulheres do sertão. Um território onde os eventos da vida são miúdos e acontecem no rés do chão. Contudo, Vila dos Confins é também uma metáfora usada neste texto para se falar de Santa Rosa dos Dourados – ou, simplesmente, Santa Rosa - um distrito povoado por cerca de quatrocentas pessoas, localizado no município de Coromandel/MG, mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Além do que, Vila dos Confins, pois possivelmente esse lugar do longínquo interior mineiro seja desconhecido por praticamente todos os leitores deste texto. Foi em Santa Rosa, no dilatado estado de Minas Gerais, que vivi até a idade de 15 anos. Uma parte de minha família ainda vive nele.

É o lugar no qual costume passar as férias de julho ou de fim de ano. Nesse Distrito, os tipos populares locais, as práticas culturais tecidas pelos linguajares, culinária, trabalho, festas religiosas e relações de vizinhança; ou as desigualdades na distribuição de terras, os dramas humanos, os sonhos e o ambiente comunitário compõem um território único e ao mesmo tempo universal.

Nas tardes desses gerais interioranos, em Santa Rosa, o sol toca com raios de ouro as costas das serras debruçadas nos horizontes; nas noites, estrelas bordam o céu enquanto as fases da lua ainda dizem do tempo de chuva, de plantio e de colheita das roças camponesas.

Assim, se romanceado, desse diminuto vilarejo desfraldariam também histórias extraordinárias como na pacata Macondo narrada por Gabriel G. Marquez em *Cem anos de solidão*. Estive em Santa Rosa pela última vez no final de janeiro de 2020. Logo, cerca de um mês antes do início da pandemia da Covid-19 no Brasil. Nos dias na Vila, um dos lugares que frequentei de maneira diuturna foi o “Empório do Hélder” - como é chamado -, localizado na praça central e de propriedade do meu padraсто e de minha mãe. Nele se vende desde doses de uma legítima cachaça mineira a verduras, pares de botina e botijões de gás. Todavia, além de comércio local, o Empório é um lugar de encontros entre parentes, amigos e vizinhos. Nos finais de semana, por exemplo, a reunião de pessoas que vivem em propriedades rurais do entorno da Vila não ocorre só para as compras; no Empório elas reencontram amigos, jogam baralho, fazem negócios e contam casos. Ainda, tem a assiduidade de frequentadores como o Gaspazão, Waguinho, Maria Chiquinha, Evandro e Jairinho.

Tenho relutância em imaginar o Empório sem a presença alvissareira desses sujeitos; sem a altivez do Gaspazão ao narrar seus ofícios meticulosos de trabalhador rural; sem as estórias mirabolantes do Waguinho, do Evandro e da Maria Chiquinha; sem a gentileza espontânea do Jairinho todas as vezes que nos encontramos. São sujeitos raros, de mãos, rosto e existência urdidos no trabalho rígido; pessoas de gestos simples e de humanidade vultosos, encontradas no vasto interior do país, que tornam o mundo - ou Santa Rosa e o Empório -, mais denso e belo. Todavia, esse universo prosaico transformou-se nos últimos meses. Quando converso por telefone com minha mãe, com frequência pergunto sobre as pessoas conhecidas e as mudanças no lugar devido à pandemia da Covid-19. Logo, desde que a pandemia foi agravada no Brasil e as regras de distanciamento social foram acentuadas, o cotidiano e a sociabilidade em Santa Rosa e no Empório não são mais os mesmos. O medo chegou primeiro do que o vírus no distrito e, por isso, as pessoas saem pouco de suas casas. É raro ver o Sinvaldo, um senhor conhecido e que praticamente toda noite ficava de remanso em um dos bancos da praça. O Gaspazão sai de casa de modo fortuito, senta por alguns minutos no banco sombreado por uma gameleira em frente ao Empório e resabiado observa de longe algum conhecido transitar na rua.

continua

Eventualmente a Maria Chiquinha desfila com seus netos na praça central da Vila. No Empório, os dias fluem sem movimento e reunião de pessoas. Diante disso, não só as vendas caíram, mas mudou-se a atmosfera dos causos intermináveis quando velhos amigos se encontravam; o vazio de pessoas provoca um vão de acontecimentos, narrativas e experiências humanas. Não se ouve mais as invenções populares que giravam diante do balcão de vendas. E nem mesmo o Jairinho aparece nas manhãs para inaugurar os dias com seu sorriso obsequioso. Finalmente, assim como a Vila dos Confins narrada no romance de Mário Palmério demonstra as especificidades e universalidades dos sujeitos, da cultura e da política nos absconditos sertões; no distrito de Santa Rosa - e no “Empório do Helder” -, homens e mulheres experimentados na vida dura do interior, inseridos em realidades de profundas desigualdades, alardeiam com suas histórias e sonhos.

Mas, a pandemia, esse evento global e de distintas implicações nos lugares e nas classes sociais, além de agravar as já mirradas economias locais, reduz o fabuloso encontro das experiências humanas.

Por isso, falar de Santa Rosa e de sua gente é agir para que essa “Vila dos Confins” não seja olvidada; para que esse pequenino lugar do desmesurado território brasileiro não seja esquecido, especialmente em um momento em que o país naufraga nas aventuras de um governo cúmplice da tragédia da pandemia. ■ ■ ■

Citações

■ **PALMÉRIO, Mário. Vila dos Confins. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.**

■ **MARQUEZ, Gabriel G. Cem anos de solidão. Trad. E. Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2009.**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.